

MULHERES “UNIVERSAIS”: SOBRE COMO FOLHA MULHER, SECÇÃO DA FOLHA UNIVERSAL, AGE, TUTELANDO CORPOS E CONSTRUINDO FEMINILIDADES

Women "universal": how about Folha Mulher, section of the Folha Universal, act, tutoring bodies and building femininities

Felipe Viero Kolinski Machado¹

Daniela Romcy²

Gabriela Felten da Maia³

Resumo

Este artigo tem por objetivo perceber de que maneira se dá o discurso presente na secção Folha Mulher, do semanário Folha Universal (publicação da Igreja Universal do Reino de Deus), no sentido de discutir os modos de vida delimitados então como adequados (ou inadequados) às mulheres as quais se dirige. Toma o gênero como um campo histórico e discursivo e como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. O discurso, e sua ordem, como central no processo de construção de significados e de identidades e, tendo como *corpus* de análise um trimestre da publicação (04, 05, 06/2014), conclui, de forma geral, que as múltiplas possibilidades de vivências de gênero e de sexualidade, via discurso pedagógico, são encerradas em práticas monogâmicas e heteronormativas, dizendo como as mulheres devem se portar e viver.

Palavras-chave: Folha Mulher. Gênero. Discurso.

Abstract

This article aims to understand how speech occurs in Folha Mulher section of the weekly Folha Universal (publication of the Igreja Universal do Reino de Deus), to discuss ways of life then defined as appropriate (or inappropriate) to the women whom it is addressed. Takes gender as a historical and discursive field and as a constitutive element of social relationships based on perceived differences between the sexes. The speech, and their order, as central in the construction process of meaning and identity and, with the corpus of analysis one quarter of the publication (04, 05, 06/2014) concludes in general, that the multiple possibilities of experiences of gender and sexuality, by pedagogical discourse, are encased in monogamous and heteronormative practices, saying how women should behave and live.

Keywords: Folha Mulher. Gender. Speech.

¹ Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo – RS, Brasil. Bolsista Capes. E-mail: felipeviero@gmail.com

² Mestre em Ciências Sociais (UFSM), Pesquisadora bolsista do projeto Memória do Esporte nas cidades brasileiras, coordenado pelo Prof. Dr. Victor Melo, financiada pela Associação Ibero-Americana de Atletismo. Porto Alegre – RS, Brasil. E-mail: daniromcy@gmail.com

³ Mestre em Ciências Sociais (UFSM), Pesquisadora integrante do Grupo de Estudos em Gênero, Cultura e Saúde (GEPACS/UFSM), Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul – RS, Brasil. E-mail: gabryelamaia@gmail.com

Considerações Iniciais

A Folha Mulher é um caderno do Jornal Universal destinado a abordar assuntos relacionados ao universo feminino. As escritoras responsáveis pelo caderno possuem blogs em que tratam da temática da mulher acompanhado por diversos leitores. Objetivando ampliar o público-alvo, iniciaram, em maio de 2012, o projeto de introduzir para os/as leitores/as do Folha Universal um espaço de discussão que possa atender mulheres que não possuem acesso à internet e não podem ler os conteúdos produzidos pelas escritoras em seus blogs. A temática da mulher já vinha sendo tema de editoriais no jornal Folha Universal através da seção intitulada Coisa de Mulher que, como indica o nome, abordava assuntos relativo às mulheres. Com o surgimento do caderno Folha Mulher os temas ampliaram-se, propondo-se a apresentar editoriais sobre economia, artesanato, livros, beleza, saúde e filmes.

Com o objetivo de analisar os significados produzidos sobre o feminino e mulher produzidos pelo Caderno Folha Mulher, problematizamos que modos de vida delimitados, então, adequados (ou inadequados) são produzidos às mulheres as quais se dirige. Para análise do semanário utiliza-se as perspectivas feministas pós-estruturalistas em que toma o gênero, a partir de Scott⁴, como um campo histórico e discursivo e como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Entendendo o discurso e sua ordem como central no processo de construção de significados e de identidades⁵, utilizamos a Análise de Discurso Francesa para analisar o corpus de um trimestre de publicação.

Amostra e métodos

A amostra que compõe o corpus de análise diz respeito aos três meses de publicação do Caderno Folha Mulher em 2014, os meses de abril a junho. A Folha Universal tem tiragem semanal. Foram analisadas 12 edições e, no total, coletadas 37 textos veiculados no período analisado.

Em uma fase inicial foi realizada um estudo exploratório para apreender temas e abordagens presentes, emergindo os seguintes tópicos: beleza, sexualidade, amor,

⁴ SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

⁵ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed., Loyola, São Paulo, Brasil, 2007;

casamento, adultério, maternidade, saúde, mulher/igreja, mulher/trabalho, moda e costumes. Realizado esse levantamento passou a compreensão das formações discursivas, os núcleos de sentido que, via empreendimento das análises, fomos percebendo nesses tópicos. Para esse empreendimento utilizamos a perspectiva da análise de discurso.

Sobre a análise de discurso

O discurso, em face desse contexto, pode ser compreendido, então, a partir de Pêcheux⁶ como o efeito de sentido entre interlocutores e, se retomarmos as teses de Foucault⁷, que versam sobre sua ordem, como não correspondendo apenas à tradução dos sistemas de dominação, mas à própria motivação e ao próprio poder pelo qual se travam batalhas. É falando sobre a noção de discurso que Michel Foucault dá início a sua aula inaugural no *Collège de France*, em 1970

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, o acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível.⁸

A vontade de ter atrás de si uma voz que indicasse a necessidade de proferir as mesmas palavras e de materializar os sentidos já há muito em curso, de não precisar entrar na ordem dos discursos e de, facilmente, encontrar as verdades já prontas são também questões levantadas então por Foucault ao expor o diálogo que se daria entre o desejo e a instituição.

O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que

⁶ PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas. In GADET, Françoise e HAK, Tony (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas. UNICAMP, 1997.

⁷ FOUCAULT, Michel, 2007.

⁸ FOUCAULT, Michel, 2007, p. 05-06.

o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.⁹

Segundo Charaudeau e Maingueneau¹⁰, as análises de discurso possuem uma origem transnacional e plural, dificultando a precisão de um ato fundador. Sobre a Análise de Discurso francesa (AD), em específico, apontam que ela teria surgido na metade da década de sessenta, tendo como base a associação de uma linguística estrutural à noção de ideologia, tomada a partir de Althusser¹¹, e à psicanálise.

Desse modo, se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões do conhecimento – Psicanálise, Linguística e Marxismo - não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando, pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.¹²

Michel Pêcheux¹³, ao falar sobre as três épocas que assinalam o desenvolvimento da escola francesa de Análise de Discurso, ressalta diferentes elementos dessa trajetória. De uma concepção da produção discursiva como “uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma”¹⁴ e assinalada pelos esquecimentos do sujeito, passa-se a um instante em que se atribui uma centralidade ao conceito de Formação Discursiva¹⁵ e à perspectiva de retomada dos já-ditos e, então, a centralidade das questões da heterogeneidade, a qual seria uma característica constitutiva de todo e qualquer dizer, da importância do gesto interpretativo e do caráter de acontecimento do discurso¹⁶.

Acerca da noção de Formação Discursiva (FD), vale ressaltar a sua dupla filiação. Para Foucault¹⁷ uma FD está relacionada à regularidade, à ordem e às correlações que, mediante um certo número de enunciados e a um semelhante sistema de dispersão,

⁹ FOUCAULT, Michel, 2007, p. 07.

¹⁰ CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2004.

¹¹ ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado. Lisboa. Editorial Presença/Martins Fontes. 1974

¹² ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. 8. ed., Campinas, SP: Pontes, 2009, p.20.

¹³ PÊCHEUX, Michel, 1997.

¹⁴ PÊCHEUX, Michel, 1997, p. 311.

¹⁵ FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

¹⁶ PÊCHEUX, Michel, 1997

¹⁷ FOUCAULT, Michel, 2012.

puderam ser observadas e descritas. Pêcheux¹⁸, ao estabelecer nexos com aquilo que é exterior a essa formação e ao acionar o conceito althusseriano de ideologia, permite que se desenvolva a perspectiva de que as FDs representariam, na linguagem, as Formações Ideológicas que, então, lhes seriam correspondentes.

A Mulher Universal

De maneira geral, pode-se constatar, hegemonicamente, a construção de uma mulher que, para alçar plenamente a essa condição, deve, por lado, encontrar Deus (tornar-se uma mulher virtuosa, temente a Deus, consciente de seu poder) e, por outro, num contexto de exercício de sua vivência de gênero e de sexualidade, exercer o papel de ajudadora do lar, sendo submissa ao marido e, mesmo em situações pelas quais ela não teria responsabilidade direta (tais como o adultério, por parte dele), buscar formas possíveis de trazê-lo de volta para si.

As mulheres da IURD possuem um grupo de mulheres chamado Godllywood que objetiva resgatar os valores que entendem terem sido abandonados pela sociedade atual, como afastar as mulheres de sua essência, portanto, têm buscado construir uma imagem das “mulheres na Universal” como pessoas diferenciadas no trabalho, na família e na sociedade. Por isso, o mês de abril, mês em que ocorreria o Dia M da Mulher Universal, discutiu-se intensamente assuntos relativos ao “universo feminino”, como a igualdade e importância da mulher na sociedade e a necessidade de se valorizar as mulheres em uma cultura da ditadura da beleza.

Entre as questões abordadas, está a problematização do padrão estético feminino da sociedade contemporânea e o uso de tecnologias para alcançar um corpo desejável e belo.

Antigamente a mulher era colocada num pedestal como musa das mais belas canções. Era companheira, protetora e a **auxiliadora** e amiga de todas as horas. Mas parece que a mulher daquela época deu lugar a outra, que **sensualiza** de maneira vulgar e que se veste de maneira **sexy**. Que **dança** ao som das músicas que mais a envergonham. E que ainda se **submete a ser réplica da moda**¹⁹.

¹⁸ PÊCHEUX, Michel, 1997.

¹⁹ FRANCELINO, Flávia. O que você sabe sobre a mulher e finge não saber. Abril, edição 1148, p. B6 – SD07

A valorização de uma corporalidade canônica²⁰ é apontado como uma forma de violência psicológica, pois há um expressivo número de mulheres que possui problemas com a própria imagem.

Percebi que eu não era a única mulher a passar por isso (baixa auto-estima) e vi que isso era uma forma do mal nos inferiorizar. Enquanto temos pensamentos errados, de nós mesmas, nos limitamos, nos escondemos e, conseqüentemente, não usamos a nossa força interior. E sabe o que acontece? Da maneira como nos vemos no interior os outros nos vem no exterior²¹.

Procurando questionar todas as formas de desvalorização das mulheres argumenta-se que é preciso positivar as experiências e trajetória de cada uma. Observamos que a valorização também gira em torno da importância da descoberta de Deus:

Para ela [Márcia Pires], nenhuma mulher consegue vencer os traumas sozinha. “A mulher precisa ser alertada para que entenda que não precisa viver assim. O ponto de guinada foi quando comecei a **receber ensinamentos** e descobri que antes de ter um valor para a sociedade e para a família, **eu precisava ter valor para Deus**. Não pelo que fazia, mas por quem eu era, pela minha pessoa” [...] Ao se dar conta de que Deus a valorizava, se deu conta de que não precisava mais viver sofrendo²².

“Passei a fazer parte do grupo Godlywood e lá aprendi a me amar. Descobri que existe **um Deus que me valoriza e muito**. Então, por que eu também não deveria me valorizar?”, conta [entrevistada que relata importância de valorizar-se e como se deu essa auto-valorização]²³.

Em entrevista à Folha Universal, Fátima destacou que o programa vai falar de todos os temas que envolvem a **auto-estima** da mulher e vai contar com especialistas de diferentes áreas. “Temos visto a necessidade da mulher entender melhor a sua essência e **resgatar valores** que estão se perdendo em meio a tanta modernidade”²⁴.

A imagem da mulher é construída a partir da valorização de uma feminilidade marcada pela sensibilidade, frágil e doce, mas não fraca, pois ainda deve ser forte para assumir seu papel como esposa, mãe e trabalhadora. Para ser verdadeiramente mulher “vale a pena investir na feminilidade e na sensibilidade do ‘sexo frágil’. Ela pode ser firme, mas doce. Seja verdadeiramente mulher, ela conquista melhor e no dia a dia o seu homem”²⁵

²⁰ FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpos mutantes: Ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Ufrgs, 2007.

²¹ CARDOSO, Cristiane. Como ser bonita quando você pensa que não pode. Abril, edição 1148, p.B7 – SD08.

²² OLIVEIRA, Sara. Quem duvida do valor de uma mulher?. Março/Abril, edição 1147, p. B07 SD01.

²³ ARON, Amanda. Você é maravilhosa. Abril, edição 1149, p. B07 – SD10.

²⁴ CAMPBELL, Rê. Conversa entre amigas. Maio, edição 1153, p. B09 – SD24.

²⁵ CURY, Ana Carolina. Cinco atitudes que podem acabar com o relacionamento. Junho, edição 1159, pB06 – SD40.

Fica evidente que embora pensem a especificidade das mulheres, quando entendem a necessidade de levar em conta as experiências e trajetórias das mulheres, introduzindo a ideia de uma pluralidade em contraposição ao padrão de beleza que homogeneiza as mulheres, ainda mantém uma visão fixa e unitária de mulher²⁶, pois são mulheres da Universal, que possuem uma essência feminina a ser preservada e reforçada para demonstrar o seu valor.

As discussões sobre o que é “ser verdadeiramente mulher” têm efeitos de verdade e de poder porque constitui uma ideia de uma Mulher Universal, não dando espaço para a diferença dentro da diferença. Se a diferença existe é em uma oposição que nega toda experiência de feminino que não esteja marcada pelos valores da Igreja Universal. Esta construção da mulher enquanto sujeito, não é somente (de)mérito deste jornal. Foi pauta de crítica da autora Judith Butler²⁷ ao movimento feminista e a busca por legitimação política, como se somente o termo mulheres denotasse uma identidade comum.

A ideia da autora é que as mulheres não podem ser representadas pelo feminismo por serem mulheres, como se essa identidade comum pudesse solapar as outras esferas importantes e constituintes dos modos de ser mulher e feminino, como classe, raça, sexualidade, regionalidade, etc. A partir dessa leitura podemos observar que o caderno Folha Mulher, pelo seu caráter pedagógico, constitui um modo de ser mulher que desconsidera os diferentes modos de ser e viver o feminino.

Entre a estética e o valor

A mulher da Igreja universal como apontamos, deve ser uma mulher de valor, mas esta valorização tem uma relação direta na fé depositada em Deus. Confiando nos ensinamentos e na comunhão com Deus, ela deve colocar-se como protagonista ante o olhar dos outros, inclusive dos seus parceiros.

E continuou. “As pessoas podem lhe rejeitar, criticar, mas nada disso vai tirar o seu valor, porque ele vem de Deus e para entender isso você precisa conhecer a Deus. Deus ama você do jeito que você é. Ele nunca lhe desvaloriza. **Para conhecer o seu valor você precisa conhecer o seu Criador, Aquele que lhe deu valor primeiro**”²⁸.

²⁶ SCOTT, Joan, 1995.

²⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁸ VIDAL, Joane. O DIA M REUNIU MULTIDÕES EM TODO O PAÍS. Abril/Mario, edição 1151, p. B6 – SD17.

“**Aprendi a me dar valor**, que não tenho que sorrir ou me vestir bem para agradar os outros, mas sim para mim mesma. Passei a me dar bem com as pessoas, não sou complexada, me acho bonita, **me vejo como uma mulher de Deus**. Até minha família me vê de forma diferente agora”, comemora.²⁹

Ao apresentar o modelo de mulher ideal a partir de estereótipos essencialistas, considerados como sendo características da verdadeira mulher, condenando sua objetificação, ao mesmo tempo recomenda que ela fique bela pra a sua família, mas principalmente para o seu marido. Há um paradoxo, pois a mulher não deve colocar-se nem ser colocada como objeto, mas ao mesmo tempo deve tomar cuidados com sua aparência, procurando manter-se bonita para seu esposo e para os filhos. A vaidade aqui não é tomada como objetificação da mulher, quando o objetivo é atender à família. “Então quer dizer que para o meu marido me amar eu tenho que ser bonita estar sempre com uma cara boa? Claro que não. Mas será que é tão difícil assim fazer isso por ele e pela sua família? Será que se arrumar vai quebrar o seu braço?”³⁰

Esse paradoxo é resolvido, em partes, ao se demonstrar que essa beleza não advém somente da aparência, mas passa por este processo de valorização de si, acionando representações sobre corpos para dizer que mesmo sendo bonita, a beleza não vale de nada se a mulher se deixar levar pela emoção

No entanto, para tê-lo de volta, modificado, um homem de palavra, Marilene teve que mudar de comportamento, mesmo não tendo sido ela a responsável pela separação. Ela precisou encantá-lo novamente, porém, não por aparência. E isso só foi possível quando ela deixou de implorar o amor do ex-marido, de ligar, de perturbá-lo com seus lamentos e se amar em primeiro lugar, bem como se portar como uma **mulher virtuosa**, ou seja, aquela que Marilene aprendeu a ser quando **conheceu a fundo os ensinamentos bíblicos**³¹.

Para abrir a visão das mulheres sobre o que de fato chama a atenção de um homem em uma mulher, o bispo Macedo fez essa pergunta aos bispos presentes e, a resposta, ao contrário do que muitos imaginavam, não foi a beleza física, mas qualidades que as tornam diferentes da maioria, como discrição, **autoconfiança**, caráter e **temor a Deus**.³²

Mesmo que haja uma construção hegemônica do que é uma mulher de verdade isso não significa que não haja disputas ou que essa essência seja algo dada, sem conflitos. Ser uma mulher de valor requer passar por cima de conflitos, resolver problemas no trabalho,

²⁹ RIZZO, Rafaela. O desafio Godlywood é para você. Maio 1152, p. B09 – SD21

³⁰ CARDOSO, Cristiane. O que o seu exterior diz sobre você?. Junho, edição 1156, p. B08 – SD34.

³¹ KLAUTAU, Adriana. Saiba o que ela fez para trazer o marido de volta. Abril, edição 1148, p. B5 – SD06.

³² VIDAL, Joane. O DIA M REUNIU MULTIDÕES EM TODO O PAÍS. Abril/Mario, edição 1151, p. B7 – SD18.

solucionar casos de amigas que se afastam do convívio e ainda saber dosar a criação e relacionamento com os filhos e seus problemas cotidianos como as questões escolares.

Mas para além disso, tem uma coisa que parece fundante quando o jornal fala de atitudes masculinas e atitudes femininas, pois a mulher é sempre relatada como sendo a parte da relação ligada ao coração, que se move por sentimentos emocionais, enquanto o homem é muito mais racional. Segundo o jornal, agir com o coração não é a melhor decisão para uma mulher, pois isso pode levar a permanência em situações de violência ou a cometer atos passionais contra o parceiro. Entretanto o grande problema incutido nestes periódicos é de não entender que existe uma violência contra a mulher que é estrutural de uma sociedade patriarcal e machista, quando, por exemplo, iguala justamente as reações das mulheres que sofrem violência àquelas que cometem violência contra parceiros que terminam ou traem.

Consideramos que o folha da mulher produz e reforça um tipo de mulher: a mulher de valor. Ao mesmo tempo que reforça a autonomia da mulher, esta liberdade ainda está tutelada pela apreciação masculina, de seu marido. À mulher cabe esta gangorra, que hora deve pensar na família e na beleza, mas também faz uma crítica ao modelo de beleza hegemônico.

Mulher e espaço doméstico

A referência ao casamento e à família está entre os temas recorrentes nesses três meses analisados. O papel da mulher como esposa foi constantemente destacado em diferentes matérias, em temas relacionados à estética e cuidados, sexualidade, amor e traição.

Embora o casamento seja um elemento valorizado na formação da identidade das mulheres e para a conquista da felicidade e realização pessoal, como quer demonstrar a escritora Cristiane Cardoso, em “À procura de um marido”:

Enquanto muitas mães falam para as suas filhas namorarem, aproveitarem a vida, conhecerem muitos homens, e terem suas próprias experiências sexuais, a minha mãe me ensinou a **me guardar** para o dia do meu casamento. Ela me ensinou que eu não precisava experimentar o que as outras meninas da minha idade experimentavam, que eu poderia ser como ela, **casar cedo e ser feliz**³³.

³³ CARDOSO, Cristiane. À procura de um marido. Abril, edição 1150, p. B7 – SD15

Há outros sentidos que emergem, constituindo as condições de possibilidade de ser mulher para além do casamento. Ainda que o discurso possa ser essencialmente autoritário, no sentido de que o locutor se coloca como agente exclusivo, ao mesmo tempo que constrói sentidos para os quais não é manifestada nenhuma oposição, há uma ruptura, no sentido de expor outras possibilidades às mulheres.

Além disso, não dá para comparar a mulher dos 30 anos atualmente com a de 30 anos do passado. Provavelmente sua mãe com essa idade já tinha você e seus irmãos, ou seja, era responsável por um lar. Hoje em dia as mulheres começam a pensar em casamento com 30 anos, porque antes disso vão para a faculdade, o que não era comum antigamente.³⁴

Contudo, ainda é hegemônico a importância que se atribui à família para a completude de uma mulher, pois é questionado:

[...] por que será que tantas mulheres ao redor do mundo ainda insistem em colocar compromissos profissionais acima dos de suas casas? O relatório que o chefe pediu é realmente mais importante que aquele prato especial que seu marido deseja jantar há meses? Aquela reunião da firma é muito mais urgente que a reunião de pais e mestres da escola dos seus filhos?³⁵

Avalia-se se a mulher que optou por investir nos estudos e na profissão, quando chegar o amor irão dedicar-se do mesmo modo como investiram na carreira. “Estudarão e aprenderão a ser boas esposas tanto quanto fizeram para serem boas profissionais?”. Então, ainda que a mulher possa buscar sua independência financeira e profissional, ser bem sucedida, mas não, necessariamente, feliz se não tiver um amor para a vida toda.

Algumas sequências discursivas, abaixo, coletadas a partir dos textos analisados, servem de ilustração.

E exemplos de mulheres lindas, bem sucedidas, com uma carreira invejável e tudo para serem felizes não faltam. Tudo seria perfeito, se não fosse um detalhe: a solidão. E não estamos falando de amigas. **Estamos falando daquilo que, cedo ou tarde, todo mundo sente falta. Um amor para a vida toda.**³⁶

Mulheres são seres complicados. E não é para menos: desde o pecado de Eva recai sobre elas toda a responsabilidade do mundo. **Porém, no fundo, todas querem basicamente o mesmo. E não é aquela tão sonhada promoção no emprego.**³⁷

³⁴ ARON, Amanda. Cheguei aos 30, e agora? Junho/Junho, edição 1156, p. B06 - SD32

³⁵ ARON, Amanda; FRANCELLINO, Flávia. O que toda mulher deseja... Abril, edição 1147, p. B08 SD03

³⁶ ARON, Amanda; FRANCELLINO, Flávia. O que toda mulher deseja... Abril, edição 1147, p. B9 – SD04

³⁷ ARON, Amanda; FRANCELLINO, Flávia. O que toda mulher deseja... Abril, edição 1147, p. B9 – SD05

O que toda mulher quer é um amor para a vida. Por isso, argumentam que o equilíbrio é importante para assumir os diferentes compromissos como mulher, isto é, ser profissional, esposa e mãe. Enquanto trabalhadora, pode ser bem-sucedida e apaixonada pelo que faz, contudo é uma condição temporária, enquanto o papel de esposa e mãe é destacado como permanente, “o único cargo que nunca se perde”. Assim, afirma-se que “[...] ser esposa e ser profissional são posições incompatíveis porque possuem pesos diferentes em sua vida”.

O papel da mulher ainda é marcado pela naturalização da divisão sexual do trabalho doméstico como atributos femininos.

Quando Deus Criou o homem, Ele criou o provedor, alguém que tivesse o perfil para liderar e proteger a sua família. **Ao criar a mulher, Ele a criou para auxiliar nisso.** Ela não é menos do que o homem, mas, para **estar ao seu lado, exerce outro papel**, aquele que o homem não conseguiria sozinho.³⁸

A naturalização dos atributos femininos como a domesticidade e a maternidade fica evidente no texto “Você sabe do que os seus filhos precisam?”, em que se afirma a importância do papel da mãe no desenvolvimento da criança. É apresentado um caso ilustrativo para demonstrar que a mãe é fundamental para determinar o tipo de adulto que os filhos e as filhas serão, indicando que:

A falta de preparo de grande parte das mulheres para assumir um papel que exige sabedoria e dedicação diz muito sobre crianças, adolescentes e adultos que estão no mundo. Ninguém duvida que exista uma estreita relação entre nascer em um lar perturbado e ter um futuro sombrio. A ausência de uma mãe traz consequências devastadoras e irreversíveis na formação dos filhos. Afinal, **a mulher é a responsável por dar o norte da casa.**³⁹

Mesmo que seja problematizada a ideia de que toda mulher precisa ser mãe para encontrar a felicidade, como pode ser visto no texto “Quem disse que precisa ser mãe pra ser feliz?”, em que tem como proposta demonstrar que é possível realizar-se como mulher sem filhos, a discussão permanece na culpabilização que essa escolha pode gerar nas mulheres, não problematizando as normas de gênero, que possibilitariam desconstruir a naturalização da maternidade e constituir novas possibilidades para essas mulheres que tomam uma decisão “que contraria as expectativas da sociedade para a mulher” e que a fazem sentir-se constrangida.

³⁸ CARDOSO, Cristiane. Homem vaidosos. Abril, edição 1147, p. B07 SD02.

³⁹ ARON, Amanda. Você sabe do que os seus filhos precisam? Abril, edição 1148, p. B08 – SD09

Considerações Finais

O reordenamento do campo Pentecostal abre novas possibilidades de pertencimento em que, na tentativa de atingir novos públicos, a IURD lança mão de diferentes mídias para a formação de comunidades religiosas. Esse movimento tem (des)territorializado o lugar do sagrado com a formação de comunidades religiosas virtuais que expandem e informam os preceitos religiosos pentecostais ao mesmo tempo que produzem novas identidades e modos de ser fiel⁴⁰. Nesse processo, alguns autores têm observado uma mudança no lugar da mulher com a incorporação de temáticas relacionadas às mulheres nessas mídias^{41,42}.

Para Gouveia, parece haver uma reengenharia do feminino pentecostal, a partir de mudanças nas imagens do feminino e da mulher divulgadas nas comunidades religiosas virtuais. Mas Machado⁴³ aponta a necessidade de um olhar mais crítico a essa visibilidade das mulheres, pois avalia que esse processo apresenta ambiguidades.

Da mesma forma que a simples incorporação de temáticas relacionadas ao universo feminino não garante uma abordagem que efetivamente ajude as mulheres, a participação das pentecostais nos meios de comunicação das suas denominações não é uma condição suficiente para uma ruptura com o ideal feminino cristão e com a ordem de gêneros hegemônica na comunidade religiosa⁴⁴

A análise aqui empreendida, a partir do enfoque de gênero, buscou mapear o que é ser mulher, com a incorporação de um espaço dedicado apenas às questões das mulheres. A despeito da adaptação dos grupos religiosos aos processos sociais em curso na atualidade e a ampliação do espaço da mulher, observou-se que entre os diversos temas presentes nas matérias reforça-se um ideal feminino pentecostal e a ordem de gênero hegemônica via discurso pedagógico.

As características femininas são representadas como mais ou menos valorizadas, de modo que as múltiplas possibilidades de vivências de gênero são encerradas em práticas monogâmicas e heteronormativas, dizendo como as mulheres devem se portar e viver.

⁴⁰ GOUVEIA, Eliane Hojaij. Comunidades eletrônicas de consolo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 115-129, set. 1999.

⁴¹ GOUVEIA, Eliane Hojaij, 1999.

⁴² MACHADO, Maria das Dores Campos. SOS MULHER – A identidade feminina na mídia pentecostal. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 161-188, set. 1999.

⁴³ MACHADO, Maria das Dores Campos, 1999.

⁴⁴ MACHADO, Maria das Dores Campos, 1999, p. 184-185

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa. Editorial Presença/Martins Fontes, 1974
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpos mutantes: Ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Ufrgs, 2007. p. 73-87.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- GOUVEIA, Eliane Hojaj. Comunidades eletrônicas de consolo. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 115-129, set. 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/viewFile/2154/843>> Acesso em: 09 ago. 2014.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. SOS MULHER – A identidade feminina na mídia pentecostal. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, a. 1, n. 1, p. 161-188, set. 1999. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2157/846>> Acesso em: 09 ago. 2014.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 8. ed., Campinas: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas. UNICAMP, 1997.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.